

PRESERVANDO O AXÉ: OS TRAJES DO ILÊ AXÉ OMIM OJU FARÓ

Preserving the Axé: the costumes of Ile Axé Omim Ojú Faró

Oliveira, Mateus do Nascimento; Graduando; Universidade de São Paulo, mateusno@usp.br¹

Viana, Fausto Roberto Poço; Livre-Docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@usp.br²

Resumo: Sem roupa não há orixá. A indumentária do Candomblé é sagrada e guarda em si um conjunto de cores, tecidos, histórias, técnicas, símbolos e segredos, a partir dos quais temos acesso ao mundo mágico desta religião. Este artigo tem por objetivo analisar um conjunto de trajes pertencentes a uma comunidade religiosa que se rompeu, o Ilê Axé Omim Ojú Faró, apresentando os modos de uso e produção dessas peças e o resgatando sua importância histórica, religiosa e cultural, preservando assim, seu axé.

Palavras chave: Candomblé; Indumentária; Preservação.

Abstract: Without clothes there is no orixá. The Candomblé clothing is sacred and holds within it a set of colors, fabrics, stories, techniques, symbols and secrets, from which we have access to the magical world of this religion. This article aims to analyze a set of costumes belonging to a religious community that broke up, the Ilê Axé Omim Ojú Faró, presenting the ways of use and production of these pieces and rescuing their historical, religious and cultural importance, thus preserving their *axé*.

Keywords: Candomblé; Clothing; Preservation.

Introdução

Dentro dos terreiros de Candomblé há um provérbio iorubá muito conhecido: sem folha, não tem orixá. Esse provérbio traduz a importância das plantas, elementos imprescindíveis no culto aos orixás. O axé das folhas está presente em todos os momentos e em todos os rituais, desde a iniciação até os ritos fúnebres.

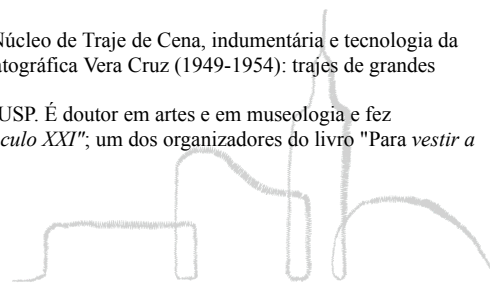
O candomblé, segundo Nei Lopes (2004), é o

Nome genérico com que, no Brasil, a partir da Bahia e desde o início do século XIX, se designa o culto aos orixás jejes-nagôs bem como algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas “nações”. Por extensão, o nome designa também a celebração, a festa dessa tradição, o xirê e o local onde se realizam essas festas (LOPES, 2004, p. 162).

Com origem nas tradições religiosas dos negros escravizados trazidos ao Brasil em um período de mais 400 anos, os Candomblés são divididos em “nações”, que se aproximam de diferentes grupos étnicos. Cada uma

¹ Graduando no bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, pesquisador do Núcleo de Traje de Cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo, bolsista FAPESP nível TT-1 no projeto “Teatro Brasileiro de Comédia e Cia Cinematográfica Vera Cruz (1949-1954): trajes de grandes aventuras e ousadias”.

² Pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros “O figurino teatral e as renovações do século XXI”, um dos organizadores do livro “Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX”, dentre outros.



dessas nações apresenta sua própria forma de cultuar os deuses. Essas variações estão nos nomes, nas cores, oferendas, louvações, cantos, danças e músicas (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

Dentre essas nações, duas são mais influentes e possuem maior número de adeptos, a Nação Angola e a Nação Queto.

A Nação Angola, de origem banto, que abarca o cerimonial congo e cabinda, é a tradição com mais adeptos no país. Cultua os inquices (deuses bantos), orixás (deuses iorubás), voduns, vunjes (espíritos infantis) e caboclos (espíritos indígenas). Os atabaques são tocados com as mãos e as cantigas misturam termos em quimbundo, quicongo e português (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

A Nação Queto, de origem sudanesa, abrange o cerimonial iorubá e é considerada mais pura e superior, por ter, supostamente, preservado – mais que as outras – as suas origens africanas. Nela, são cultuados orixás, erês (espíritos infantis) e, algumas vezes, caboclos. Os atabaques são tocados com varinhas de madeira e as cantigas entoadas em língua iorubá (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

Com duas ou três informações sobre o candomblé, já é possível perceber uma significativa característica desse universo: ele é complexo e de natureza plural.

O pequeno ponto de que tratarei neste artigo, é mais vasto do que se pode imaginar. irei analisar, de forma bastante circunscrita e partindo do ponto de vista de um terreiro específico, a indumentária do Candomblé.

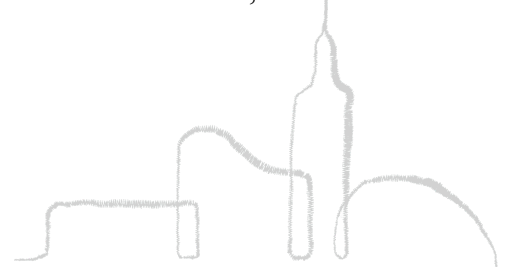
Esse assunto, ainda pouco tratado na academia, é essencial para uma compreensão clara da religião. De extrema importância, os trajes religiosos dos orixás e seus filhos são imprescindíveis ao culto e guardam histórias, cores, tecidos, técnicas, símbolos e segredos. Estudá-los é estudar um microcosmos da devoção. Se o provérbio diz que sem folha, não tem orixá, eu, respeitosamente, complemento: sem roupa, não tem orixá.

Manoel Messias Gaspar de Souza

A história de Manoel Messias Gaspar de Souza, mais conhecido como Babá Messias, é longa e não pretendo resgatá-la toda. A história de sua morte, entretanto, precisa ser contada para fins de contextualização.

Boa parte das informações que trago sobre o Babá e a sua casa, são fonte de conversas com Domenico Vianna, e sua mãe, Egbon Denise, filhos de santo do terreiro.

Messias nasceu em 8 de junho de 1951. Descendente de reis e rainhas iorubás, foi feito no santo aos cinco anos de idade e, aos 16, assumiu o cargo de babalorixá. Em dois de fevereiro de 1970, abriu sua casa de candomblé em Cotia, na Grande São Paulo.



Ficando conhecido como “pai de santo dos famosos”, Messias ganhou visibilidade dentro e fora do mundo religioso, por receber algumas celebridades e políticos em seu terreiro para realizar consultas oraculares e rituais de limpeza e proteção, dentre estes, o ex-primeiro-ministro do Reino Unido, Tony Blair.

Vamos saltar para 24 de outubro de 2011. A história da morte do sacerdote é envolta a mistérios e narrativas discutíveis. Me limito a apenas reproduzir o fato da forma que foi noticiado por veículos como o jornal Agora São Paulo, o portal R7, o portal O Fuxico e o jornal Bahia Notícias.

Por volta das 11h, oito homens armados invadiram o terreiro e a casa – que dividiam o mesmo terreno – de Babá Messias. Fabiano Ariel, genro do sacerdote, em entrevista ao jornal Agora São Paulo, conta que haviam mais oito pessoas na casa e que “elas foram amarradas com algemas de plástico e trancadas em um quarto” (JOZINO, 2011). Os criminosos, então, teriam recolhido os celulares de todos os reféns, impedindo-os que ligassem para a polícia.

Messias foi vítima de dezessete tiros. Uma das balas atingiu a artéria femoral do sacerdote que não resistiu e morreu. Os criminosos fugiram com cerca de R\$11.000,00, além de jóias, relógios e celulares. Quatro deles foram presos após perseguição da polícia e os outros quatro fugiram levando os itens roubados.

O Terreiro

Os terreiros de Candomblé são espaços que guardam as memórias ancestrais das pessoas que deles participam. Se na África o culto aos orixás, inquices e voduns era étnico e familiar, no Brasil – especialmente nas grandes cidades – esse culto se tornou global e não limitado às pessoas que fazem parte das linhagens de sangue de africanos, de modo que quaisquer pessoas – do ponto de vista da origem étnica – podem se iniciar para estes deuses. Essa universalização proporcionou também a transformação dos terreiros em lócus da cultura negra no Brasil (OLIVEIRA, 2019)..

Os terreiros nasceram no seio das irmandades católicas dos negros e negras da Bahia, que eram redutos de cultura negra, onde escravizados se reuniam. Cada irmandade era formada por conjuntos de pessoas de uma mesma etnia. Como conta Pierre Verger, em “Orixás” (2019):

Os pretos de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na Igreja Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos (gêges) reuniam-se sob a devoção de Nosso Senhor Bom Jesus da Necessidade e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa. Os nagôs, cuja maioria pertencia à nação Kêto, formavam duas irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte; outra reservada aos homens, a de Nosso Senhor dos Martírios (VERGER, 2019, p.28).

Essas irmandades – criadas sob a égide católica – permitiram a reunião dos negros e, conseqüentemente, a organização de seus cultos. A abolição da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889, facilitaram, de algum modo, a existência dos terreiros (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

Com os terreiros constituídos como espaços religiosos institucionais, o culto aos orixás – que já existia no Brasil desde do século XVII, em formas como o Calundu (Souza, 1986) – se fortaleceu, mesmo que sob forte repressão do Estado. A formação de famílias de santo garantiu a preservação e continuidade do axé e dos saberes africanos.

Ilê Omim Ojú Faró

A história de um terreiro de Candomblé é sempre intrínseca à de seus líderes; é certo que muitas casas – especialmente aquelas maiores ou mais tradicionais – possuem grandes linhas sucessórias de pais e mães de santo. É certo também, que muitas egbes morrem junto com seus babalorixás. O caso que se deu no Ilê Omim Ojú Faró passa pelas duas situações.

Começemos a história por uma placa. Ela diz “Ilê Axé Omim Ojú Faró. Casa afro-brasileira – Desde 1878 na cidade baiana Nazaré das Farinhas por Oba Baráunji. Aqui ele continua pelo Babá Ojú idé Orum Babá Messias 1970”. Essa placa pode ser vista em um dos três únicos vídeos disponíveis no YouTube a respeito deste terreiro e de seu pai de santo. Com a ajuda de um dos filhos de santo, deciframos esses dizeres.

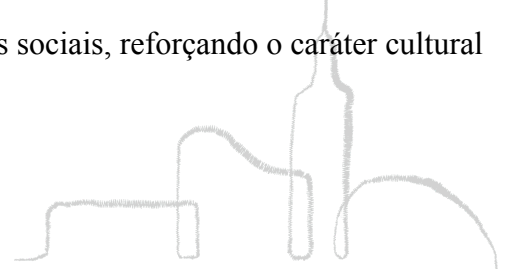
Ilê Axé Omim Ojú Faró: o nome religioso oficial do terreiro, em língua iorubá. Pode ser traduzido por “Casa de Axé dos ricos olhos d’água”.

Casa afro-brasileira - Desde 1878 na cidade baiana Nazaré das Farinhas por Oba Baráunji: o axé do terreiro pertencia originalmente ao primeiro pai de santo de Messias, Obá Baráunji. O terreiro, inicialmente de nação Angola, teria sido fundado em 1878, na cidade de Nazaré das Farinhas, no recôncavo baiano.

Aqui ele continua pelo Babá Ojú idé Orum Babá Messias 1970: tendo sido herdado por Messias, cujo nome iniciático era Babá Ojú Idé Orum, o axé foi trazido para São Paulo e replantado em 1970.

O terreiro que também era popularmente conhecido como “Terreiro de Candomblé Nação de Keto Cruz Sagrada”, ocupava um quarteirão inteiro em uma região próxima a uma zona de mata, muito propícia para o culto dos orixás. Como conta Egbon Denise, o local abrigava o barracão, os quartos de santo, uma recepção para clientes, a casa do sacerdote e outras salas dedicadas a guardar e expor obras de arte.

Paralela ao terreiro funcionava a Fundação Cultural, Social e Belas Artes Alaketu Babá Messias. Destinada ao acervo artístico mantido por Messias e à promoção de ações sociais, reforçando o caráter cultural do terreiro.



Vestindo cultura

A função desempenhada pelas roupas vai muito além de cobrir o corpo. Para além disso, as roupas marcam identidades individuais e coletivas, distinguem classes sociais, cargos em hierarquias, gênero, entre tantas outras classificações.

Pierre Bourdieu (2021) atribui ao vestir o papel de identificar simbolicamente a cultura de certo grupo. Para ele, a moda faz parte do conjunto de fatores que liga o indivíduo a seu grupo e que distingue este grupo dos outros, fazendo parte de um habitus sistêmico e grupal (BOURDIEU, 2021).

Silvia Escorel, em sua tese “Vestir poder e poder vestir” (2000), analisa como o traje cumpre papel distintivo de camadas sociais. Analisando relações de poder simbolizadas por roupas na África e na Europa, a autora demonstra que as roupas separam reis de súditos, ricos de pobres e nobres de plebeus. A autora diz ainda que “o traje propicia a coesão do grupo social na medida em que constitui um código compartilhado. Pois a indumentária, como a linguagem, é um meio de comunicação, elemento fundamental para construção das relações sociais” (ESCOREL, 2000, p.2).

Vestir-se é uma ação cultural. É a sociedade que determina quais roupas serão produzidas, como, por quem e para quem. Mesmo as escolhas individuais das pessoas, ao decidirem que roupa usar e qual estilo aderir, são socialmente impostas.

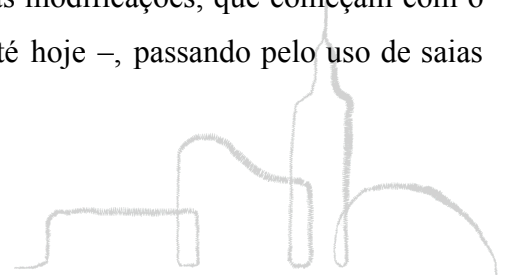
A sociedade brasileira é formada pelas marcas dos mais de 400 anos de escravização no período colonial. O negro no Brasil esteve submetido a enormes violências, que se manifestavam, também, através do vestir.

No Brasil do século XIX, por exemplo, os negros, mesmo que possuíssem meios para se vestir à francesa, não podiam utilizar sapatos, pois eram escravizados (ITALIANO et al, 2021).

A produção das roupas nessa época estava a cargo das mulheres negras. “Verifica-se que apesar do luxo e da aparência francesa das lojas e das modistas, estas não dispensavam a mão de obra local de origem africana, escrava e livre, aliás como os demais comerciantes.” (MOTT, apud ITALIANO et al, 2021, p.58).

Essas mulheres negras, estavam em contato, portanto, com as tendências de moda – especialmente francesas – da época.

As roupas utilizadas pelas escravizadas no Brasil passaram por diversas transformações. Maria Eduarda Andreazzi Borges (2022) resgata, em sua tese o histórico dessas modificações, que começam com o uso do iró – tecido enrolado ao corpo, típico das mulheres nigerianas até hoje –, passando pelo uso de saias



rodadas, panos [da costa] amarrados na cintura e no tronco, turbantes e rodilhas, além de batas (BORGES, 2022).

Essas roupas, muitas vezes na cor branca, serviam também como marcadores sociais, já que o branco era “reservado à roupa íntima, de baixo ou de dormir” (ESCOREL, 2000, p.93). Segundo Borges, os trajes das negras retratadas no século XIX por artistas como Jean-Baptiste Debret, tem composição muito parecida com aqueles usados hoje em religiões como a Umbanda e o Candomblé (BORGES, 2022).

Vestindo o santo

Sem roupa, não tem orixá. A indumentária é parte importante do Candomblé e se tornou, no Brasil, item intrínseco ao culto dos orixás. Os trajes ritualísticos guardam histórias, cores, tecidos, técnicas, símbolos e segredos. Estudá-los é estudar um microcosmos da religião.

A forma e a composição dessa indumentária varia conforme a nação e a tradição de cada casa. Tratarei aqui dessas roupas sob o ponto de vista de seu uso no Ilê Axé Omim Ojú Faró, de Babá Messias.

Os trajes do Candomblé podem ser divididos em quatro tipos:

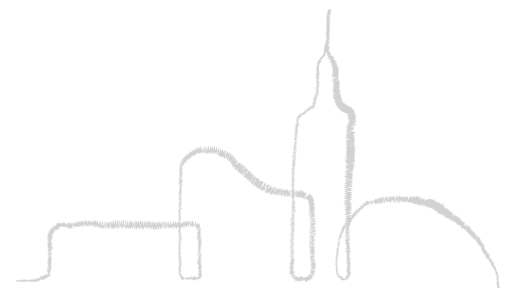
1. Traje de razão – usado durante os momentos cotidianos e de trabalho do terreiro;
2. Traje de xirê – utilizado pelos filhos de santo durante as festas e cerimônias públicas;
3. Traje de transe – portado pelos orixás e entidades durante o transe, nas festas; e
4. Trajes de outros corpos – vestimentas empregadas nos atabaques, assentamentos e outros corpos ritualísticos.

Os trajes de transe que serão apresentados neste estudo podem ser divididos primeiramente em dois: trajes de orixás e trajes de entidades – no caso do Ilê Axé Omim Ojú Faró, as entidades que se manifestavam em transe eram os caboclos.

Os trajes de orixás possuem diversas variações. Cada um dos orixás cultuados poderia ter uma gama de variações. Me limitarei aqui a citar e analisar apenas alguns trajes do terreiro.

Logun-edé

Logun-éde é um orixá jovem, ligado à pesca e à caça, à beleza e à fartura. Filho de Oxum e Oxóssi, carrega características desses dois orixás. Suas cores são o azul (de seu pai) e o dourado (de sua mãe) e seus símbolos são o ofá (arco e flecha) e o abebé (leque-espelho).



Seu traje é composto por uma calça branca, anáguas engomadas, um quebra-goma de cetim amarelo – saia de tecido mais fino, como cetim, utilizada para evitar que as anáguas engomadas “marquem” na saia principal –, uma saia, uma banda e um atakan.

A calça é simples, reta, confortável e amarrada na cintura com um cordão. A saia desse conjunto é feita em um tecido amarelo, bordado. Na barra, a saia tem três fitas azuis costuradas. Essas fitas representam a idade de santo do filho que utiliza o traje, e aumentam de número, portanto, com o passar dos anos. As anáguas possuem a mesma modelagem que as saias, o tecido, porém, é normalmente branco e de algodão. Essas anáguas são engomadas e servem para dar volume ao traje.

A banda nada mais é do que uma variação do pano da costa. Um tecido azul brilhante, medindo 1,5 metros de largura por 1 metro de comprimento com duas “alças” em duas pontas. Esse pano é amarrado a tiracolo no ombro esquerdo, por baixo do atakan, que, neste caso, é feito em um tecido rendado azul e amarelo.

O atakan é um retângulo de tecido que mede em torno de 3 metros de comprimento por 25 centímetros de largura – as medidas podem variar de acordo com o corpo em que este será utilizado. Essa faixa é amarrada bem firme nas costas, formando um laço e cobrindo o peitoral.

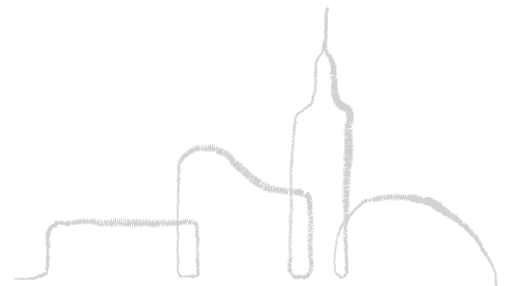
Oxum

Orixá dos rios de água doce, Oxum está ligada à beleza e à fecundidade. Ela é quem cuida das mulheres grávidas e das crianças. Sua cor principal é o dourado e seu símbolo é o abebé.

As roupas de Oxum no Ilê Axé Ojú Omim Faró poderiam ter as cores azul, dourado/amarelo, e rosa. O traje que apresento é produzido com um tecido azul bordado e uma renda branca. Ele é composto por uma calça azul, anáguas e quebra-goma brancos, uma saia azul com três fitas douradas na barra, um atakan azul – no caso de Oxum, assim como de outros orixás femininos, o atakan é amarrado com um laço na frente do corpo – e um pano de cabeça branco, amarrado com um laço na nuca.

O conjunto tem também um banté – outra variação do pano da costa. Essa peça retangular tem duas pontas arredondadas e um cordão passado em uma das bainhas horizontais, formando uma espécie de saia que é amarrada logo acima dos seios, por baixo do atakan – e um adê – coroa de onde pende uma franja de contas (filá) que cobre o rosto.

Iansã



Deusa dos ventos e das tempestades, Iansã é a orixá associada aos raios. De personalidade tempestuosa, sua cor principal é o vermelho. Seus símbolos são o alfanje e o iruquerê (espanta-moscas feito com crina de cavalo).

Na tradição de Babá Messias, as roupas de Iansã poderiam ser confeccionadas em rosa, vermelho, coral ou branco. O traje possui calça, anáguas, banté e atakan. A saia neste caso apresenta transparência, dando visão ao quebra-goma, que é rosa. Os tecidos são brilhantes.

Conclusões finais

A indumentária do Candomblé apresenta um vasto e importante campo de estudo, a partir do qual pode-se compreender muitos outros aspectos importantes da religião. Essas roupas ajudam a nos fazer entender o que é um terreiro, o que é o candomblé e quem são as pessoas que os fazem.

Um conjunto de trajes permite que se conte a história de um terreiro que já nem existe mais, permite que uma comunidade já desfeita se reconecte. Esse conjunto de trajes conectou ao redor de si várias pessoas, como Babá Messias, professor Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Ebgome Denise, Domenico Vianna e eu.

Estes trajes mantêm vivo O Ilê Axé Ojú Omim Faró permanecerá vivo enquanto seus trajes existirem, pois eles têm o poder de preservar o axé.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral, vol. 2: habitus e campo: curso no Collège de France (1982-1983)**. Petrópolis: Vozes, 2021.

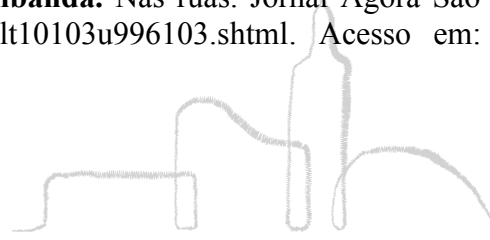
BORGES, Maria Eduarda Andreazzi. **O traje da baiana de Carnaval: ponto de encontro de ancestralidades e renovações**. tese (mestrado) - Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, USP, 2022.

ESCOREL, Sílvia. **Vestir poder e poder vestir: o tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro - século XVIII)**. tese (mestrado), Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. **Candomblé e Umbanda - Caminhos da Devoção Brasileira**. São Paulo, Selo Negro, 2005, 5a. ed.

ITALIANO, Isabel Cristina; VIANA, Fausto; BASTOS, Desirée & ARAÚJO, Luciano. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2021.

JOZINO, Josmar. **Bando mata pai de santo em roubo a centro de umbanda**. Nas ruas. Jornal Agora São Paulo, 2011. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/saopaulo/ult10103u996103.shtml>. Acesso em: 08/04/2024.



LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo, Selo Negro, 2004.

OLIVEIRA, Rosenilton S. de. “**Terreiros de candomblé como comunidades tradicionais africanas**”. In: SILVA, Vagner G. da & OLIVEIRA, Rosenilton S. de & NETO, José Pedro da Silva (orgs) - **Alaiandê Xirê-Desafios da cultura religiosa afro-americana no século XXI**. São Paulo, FEUSP, 2019. p. 198-223.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador, Fundação Pierre Verger, 2018.

